
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Revista
Didática Sistemática

SEMESTRAL

ISSN: 1809-3108

Volume 7, janeiro a junho de 2008

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A PRÁTICA DE ENSINO REALIZADA
PARA A FORMAÇÃO EM UM CURSO DE PEDAGOGIA**

APRENDI A SER UM PROFESSORZINHO E REPRIMI O SER EDUCADOR

Ronaldo Senra (bolinhasenra@yahoo.com.br; mestrando PPGE/UFMT)

**Com dedicação especial a Rubem Alves, Paulo Freire, Michèle Sato e outros
anarquistas e educadores libertadores e libertários.**

É isso mesmo, agora eu posso dizer que já sou um professor! Ou um professorzinho! Já cumpri com nada mais, nada menos do que cinquenta e quatro horas de regência escolar estando finalmente pronto para ir para o mercado de trabalho, porque se não nem ao menos ao mercado da esquina poderemos ir fazer a ferinha. Depois de quatro anos, longos e árduos quatro anos e mais sessenta horas de preparação para o estágio obrigatório... Ops! Quer dizer prática de ensino, já posso ser um professorzinho das séries iniciais não sei mais o quê.

Aprendi a ser um professorzinho sim! Porque só agora (segundo alguns professorzinhos) estive em uma sala de aula como "detentor do conhecimento", reprimindo assim, todos os anos de escolaridade o qual tive que me submeter para então chegar a um universo chamado universidade, contudo algumas características não mudam da época de colegial até a faculdade.

Só agora estive em uma sala de aula na perspectiva de alguns ou de um sistema de formação/deformação. Como se prática de ensino fosse somente aquela determinada pela grade curricular e naquelas horas e locais específicos que nos mandam fazer. Por isso reafirmo aprendi a ser "profissional" somente no estágio obrigatório, nome mais adequado para o que fazemos na nossa formação/deformação. Já que não adianta mudar a nomenclatura de estágio obrigatório para prática de ensino, se a prática de ensino durante o curso não é de forma processual e de acordo com a vivência de cada futuro/a professorzinho/a. Como podemos citar uma prática de ensino se estamos presos a aspectos burocráticos e ao significado da palavra no que diz respeito à dimensão de instrução e de doutrinação em detrimento de uma visão de educação.

Descobri que ao ir à escola os sentimentos de incômodo e mal estar permaneciam adormecidos e reprimidos desde a época da minha infância. Porque eu só queria olhar pela janela e sonhar em estar em outro lugar que não fosse aquela sala de aula fria e sem graça. E ao me deparar frente a frente com esta sala, sendo eu quem deveria estar animando e transformando aquele espaço frio, percebi que nem tudo depende de nossa vontade e de nossos sonhos. E que talvez realizar uma educação libertadora em um espaço de uma educação repressora é muito mais difícil do que possamos imaginar. Assim, aprendi a ser um

professorzinho gritando com alunos, disciplinando-os como robôs, colocando-os em fila feitos soldados. Afinal, a sala de 1ª série, deveria ficar quieta para a transmissão de sabedoria que o professorzinho aqui iria passar para os "sem luz", digo alunos.

Aprendi a ser um professorzinho utilizando o livro didático como única fonte de consulta e de informação, já que esta grande "bíblia" funciona muito bem para ocupar o lugar daquelas tarefas que nós professorzinhos/as não temos tempo para planejar e construir. Aliás, a única construção a qual tentamos fazer é a mais dura e concreta transmissão de conteúdos para cumprir o que estava no programa, ou no projeto político-pedagógico que a escola não trabalha.

Reprimi o educador dentro de mim ao entrar em conflito com minha própria equipe de trabalho, ao perceber a desunião entre os próprios profissionais da escolarização, e ao ser reprimido pela falta de números, cifras de anos, na qual estava atuando na escolarização. Tentei explicar que eram apenas cinquenta e quatro horas de experiência, "já que aqueles meninos e meninas não mudam mesmo, eles são assim..."

Assim como? Eu me questiono! O que criança realmente deveria fazer era brincar e ser o mais serelepe possível e não ir à escola, já que muita gente parece não querer estar em contato com as crianças, mesmo no espaço que foi criado para elas mesmas. Parece que a escola é somente para ocupar um pouco das 24 horas de bagunça que as crianças fazem, afinal quem irá cuidar delas enquanto nossos pais fazem parte da grande engrenagem do trabalho. Reprimi todos os ideais libertários naquele espaço frio e de grande conflito, para poder algum dia extrapolar os próprios limites e chegar a um momento de não reprimir mais nada e possuir apenas apreendizados da vida.

Aprendi a ser um professorzinho porque cumpri a carga horária destinada para tal, sem preocupar-me com uma formação mais sólida e concisa que se faz justamente extraclasse, extra-universidade, extraleitura obrigatória de xérox e de teóricos que pouco me importo. Aliás, o nosso curso deveria formar os deformados, capacitar os descapacitados e formatar os desformatados deste sistema de escolarização de primeira à quarta série, mas sem incluir a educação de jovens e adultos e as práticas de ensino em todo e qualquer local que se possam ter um processo educativo.

Todos os outros processos educativos dão muito trabalho e não tem nada haver com nossa licenciatura de professorzinhos/as, limitado ao tapa-olho de um currículo pensado e executado para outra realidade que não a nossa, mas se você quiser é só esperar naquela enorme fila do desemprego, das capacitações, das formações continuadas e se dirigir ao último guichê do atraso do discurso pedagógico e solicitar novas licenças para poder atuar dentro deste sistema limitante.

Reprimi o ser educador e aprendi a ser um professorzinho porque o projeto de educação que possuo é muito mais do que simplesmente cumprir tarefas e obrigações necessárias para receber um pedaço de papel. Papel este que pouco irá dizer quem realmente sou, e quais os meus sonhos e desejos para uma profissão de realização plena para mim e de um enorme compromisso político com os/as quais estarão envolvidos também. Reprimi o educador porque em três semanas o tempo foi insuficiente para que processualmente eu possa pegar a ficha de avaliação de cada estudante e pudesse avaliá-lo não nos seus conceitos e notas, mas na plenitude de sua vida estudantil, e muitas vezes tive que ser o professorzinho que corrigia cadernos e esquecia de perguntar como tinha sido o

dia para as crianças. O educador reconhecia alguns erros e identificava algumas teorias da alfabetização, mas a pouca leitura, o pouco conhecimento daqueles estudantes e a falta de tempo impediam que fosse feito um melhor trabalho.